



Janeiro a Junho de 2021

Nº 56 • 3ª SÉRIE

CAPA e BATINA

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa



NESTE NÚMERO

- DESTAQUE
- CONVERSA
- ESPAÇO DE POESIA
- ESPAÇO DE OPINIÃO
- ESPAÇO ABERTO
- ESPAÇO COVID-19
- NOTÍCIAS
- MENSAGENS (ADENDA)



PÁG.

03	EDITORIAL
04	EM DESTAQUE Adeus à Maria Antónia
06	CONVERSA MENSAIS
06	IN MEMORIAM
07	ESPAÇO POESIA
08	ESPAÇO OPINIÃO
10	ESPAÇO ABERTO
14	ESPAÇO COVID-19
19	NOTÍCIAS BREVES
20	MENSAGENS (em adenda)

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível.
A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet:
www.aaec-lisboa.com

"Agradecimento especial pela colaboração da Reitoria da Universidade de Coimbra na cedência das fotos de capa relativas à Serenata Simbólica de 27/05/2021".

Este boletim poderá deixar insatisfeitos os que privilegiam reviver (ou conhecer) os passeios e viagens habituais, mas é o adequado à situação que vivemos.

Os números anteriores beneficiaram de circunstâncias menos gravosas: o nº 54 ainda registou eventos "ao vivo" e o nº 55 (Centenário da Tomada da Bastilha) foi clamor ouvido e ainda repetido no todo nacional.

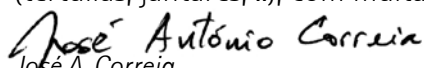
Deste sucesso deu conta a Mensagem de Dezembro de 2020 que, em adenda, faz parte integrante deste boletim, juntamente com a Mensagem de Março p.p..

Mensagens que – a par das normais acções de Filantropia, que se mantiveram – visaram marcar presença.

Hoje e aqui, essa presença tem o jeito de cada um dos membros da Direcção que, em uníssonos, clamam no sentido de fortalecer a esperança de que todos contribuem para o bem comum, vencendo esta pandemia e permitindo o retomar das actividades que temos promovido e/ou outras que nos forem sugerindo.

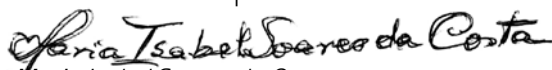

Fátima Lencastre

Esperança para saber que brevemente estaremos de novo reunidos para retomar as nossas vivências associativas (tertúlias, jantares, ..), com muita saúde, risos e abraços.


José A. Correia

Todos nós gostaríamos de voltar aos nossos convívios na Associação – viagens, passeios, tertúlias, jantares, lanches... mas isso não tem sido possível e não se prevê quando o será.

Mas vamos todos esperar com muita coragem, muito ânimo e muita confiança que tudo volte ao normal num futuro próximo. É essencial que a Fé não desapareça e que mantenhamos sempre um sorriso, como diz o nosso estimado Sr. Campos.


Maria Isabel Soares da Costa

Dois horizontes fecham nossa vida:

Um horizonte, - a saudade

Do que não há de voltar;

Outro horizonte, - a esperança

Dos tempos que hão de chegar;

No presente, - sempre escuro, -

Vive a alma ambiciosa

Na ilusão voluptuosa

Do passado e do futuro.


Machado de Assis, in "Crisálidas"


Cumprimentos calorosos e com muita esperança num breve reencontro.


Maria José Bernardino


Ana Varejão

Todos sentimos que desde Março de 2020 se vem acentuando um esvaziamento da nossa vivência associativa, por força do Covid. Apelamos à força de espírito dos Associados na esperança de retomarmos o convívio, adentro do quadro de segurança que cumpriremos.


Luís Martins


José Viegas

A DESPEDIDA (ora) POSSÍVEL A MARIA ANTÓNIA DIONÍSIO ALVES RODRIGUES

A nossa Toninha partiu para o Céu que almejava em Fevereiro (não de Covid-19, que já havia sofrido e vencido), deixando em todos nós um duplo sentimento de perda de um sólido e genuíno pilar desta vivência associativa, desde as suas raízes; e de gratidão pela herança exemplar com que dotou essa vivência. Reconhecimento que lhe fomos manifestando ao longo da sua actividade e aqui redobrado na forma viável face à conjuntura; de presencial na hora da despedida apenas a nossa bandeira a acompanhou até Coimbra (acordo com a Família, dadas a dificuldade e a incerteza quanto a cerimónias...).

Dentre as expressões de apreço e afecto que tanto merecia, ressaltam o **Aplauso** e a **Homenagem** no almoço de Natal de 2009, aberto com a chave: *"a Maria Antónia sempre foi a grande*

entusiasta do festejo natalício; o seu João Maria dizia que ela parecia acreditar ainda que o Menino Jesus desce pela chaminé".

Porta-voz exaustivo do espírito que animava todos, o António Ribeiro falou da Toninha com a ternura que sempre lhe devotou, registou algumas notas biográficas (pessoais, académicas e profissionais) e dados de facto sobre o seu percurso associativo, tais como:

- "membro da Direcção da Delegação em Lisboa da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra – de 1977 a 1980 e de 1988 a 1991.
- membro da Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa – de 1995 a 2003.
- Como membro das diferentes direcções desenvolveu as principais actividades:
 - Encabeçou Comissão Dinamizadora

da "Filantrópica", em 1998 e coordenou a Filantrópica como membro da Direcção. Aqui, como sempre, o grande coração da Toninha a procurar ajudar quem mais precisava.

- Dinamizou a criação do Grupo Coral Ad-Hoc, que teve a 1ª apresentação em público no IX Aniversário da AAEC (Março 2001)
- Criou a actividade "Aulas de Ginástica de Manutenção", em Maio de 2001.
- Foi declamadora de poesia em diversas Conversas Quinzenais, Tertúlias Académicas e Jantares Mensais (em 12 de Julho de 1997 dedicou um poema ao amor da sua vida o seu João Maria)".

Não obstante a sua resistência em comparecer a este almoço, surgiu radiosa, como sempre, e com muito entusiasmo.



Homenagem em 2009



No tempo da Delegação...

Mas a sua grande paixão por Coimbra e pelo convívio dos que realmente viveram a Academia ressoou ainda:

- Como membro residente dos júris que valoravam as Quadras dos Santos Populares a concurso.
- Sempre foi a afanosa anfitriã dos

jantares mensais, embelezando uma singela sala de restaurante com arranjos de flores, marcadores de mesas personalizados, ementas sugestivas, etc, tudo isto inimitável até hoje.

- Mesmo já reformada das funções dirigentes, a sua presença nas activi-

dades era constante, saltando para o estrado do Coral Ad-Hoc e regendo-o à sua maneira; e era visível a sua alegria quando a Fátima e o António Ribeiro iam buscá-la para almoçarem no restaurante que lhe recordava o seu João Maria.

O SEU OPERARIADO DE 9 ANOS

Por 4 vezes a Toninha escreveu ternas cartas de despedida da sua função de vogal da Direcção, que esta "não lia", sabendo tratar-se apenas de motivos de saúde passageiros... Mas a última, em Janeiro de 2004, englobava já o seu João Maria e a vontade de poder estar mais tempo junto dele – e, aí, "lemo-la" e fizemos-lhe uma despedida surpresa no dia 6 de Fevereiro, convidando a Filha, o Genro e o neto Joãozinho e mimosando-a com lembranças simples, mas expressivas, da nossa gratidão pelo seu "operariado de 9 anos" (como dizia o João Maria).

A este propósito, uma nota pessoal, de infinita comoção

"À Toninha devo preciosa ajuda, que prometera desde o momento em que – levada eu pelo casal João Maria/Maria Antónia junto do Albano Martins da Costa (último Presidente da Delegação e o maior dinamizador da constituição da Associação), já acamado – este me pediu que não deixasse morrer a Associação que criara com tanto empenho; Associação que o João Maria apelidava de "fábrica" e a nós duas de "operárias da fábrica".

Fátima Lencastre

"A titia Antónia para nós deixa imensas saudades e recordações que não passam.

Era um ser único, culta, educadíssima, cristã, católica praticante, não distinguia ninguém pelo estatuto, pela cor da pele ou pelo comportamento menos convencional. Era um clarão que encorajava. Fazia eco nos corações mais indiferentes, sempre com humildade, sem quebrar o respeito que lhe era merecido e justo.

Recordá-la é uma homenagem por excelência para quem nos deixou infinitas acções que tocam para toda a vida!"

Maria Fernanda Nobre de Meneses



A Toninha com o seu inigualável look – o chapéu!



O casal sempre presente

MITOS E CURIOSIDADES AGRÁRIAS

– 2ª PARTE

Por Teodósio Salgueiro

São mitos a diabolização do eucalipto e o endeusamento da agricultura biológica

II. A AGRICULTURA BIOLÓGICA

Toda a agricultura foi biológica até meados do século XIX e, enquanto tal, dois factos importa salientar. Um diz respeito a Thomas Malthus que em 1798 fez publicar um estudo, conhecido como a Lei de Malthus, segundo o qual os "meios de subsistência aumentam segundo uma proporção aritmética (por adição) enquanto a população tende a crescer em progressão geométrica (por multiplicação). Com base nisto, o autor profetizou o extermínio da Humanidade num prazo de 200 anos, a menos que se sustivesse o crescimento populacional. Esta profecia não se verificou porque, com base numa nova teoria sobre a nutrição das plantas, começou em

Londres, em 1843, o fabrico do primeiro adubo, chamado superfosfato de cálcio.

Outro facto a assinalar, quando a agricultura não recorria aos químicos e era biológica, deu-se o que ficou conhecido como a 17ª Fome da Irlanda. Com efeito, em 1845, os batatais irlandeses sofreram o ataque de um fungo, vindo da América do Sul, que os dizimou e, como a batata era a base da alimentação, mais de um milhão de pessoas morreram por não terem que comer e outro milhão, ou mais, emigrou para os Estados Unidos. Entre estes foi um que teve um bisneto que veio a ser o presidente John Kennedy. Como curiosidade, referimos que em Nova Iorque, na parte sul de Manhattan, foi erigido, em 2002, um memorial que assinalava esta grande fome, tendo a *legende Irish Hunger Memorial*.

Aponta-se que os alimentos provenientes da agricultura biológica são

mais ricos em vitaminas, sais minerais, proteínas e glúcidos, o que nem sempre é verdade. Além disso, o teor destes princípios nutritivos pode ainda, na agricultura convencional, ser superior ao mínimo que o organismo humano necessita.

Perante isto, e dado que a agricultura é uma atividade essencial para a Humanidade, o seu conceito deve ser o de agricultura sustentável. Esta, e de acordo com a definição proposta pela FAO em 1992, deve ter como objetivo preservar a terra, a água, e os recursos genéticos vegetais e animais, não degradar o ambiente e ser tecnicamente apropriada, economicamente viável e socialmente essencial. Assim, enquanto na agricultura biológica é interdito o uso de adubos químicos e de pesticidas químicos, na agricultura sustentável esse uso é admissível, desde que haja evidência científica de não afetarem a saúde humana e o ambiente.

IN MEMORIAM...

Deixaram-nos... no ano 2020 e 1º Semestre de 2021:

- Drª. Maria Antónia E. D. Alves Rodrigues – Sócia nº 6
- Dr. Gustavo Elmano Oliveira Cerdeira – Sócio nº 32
- Drª. Eva Lasbarreres da Silva – Sócia nº 33
- Dr. António Ismael Pratas Ferreira – Sócio nº 82
- Drª. Maria Teresa Quadrados Sampaio Rio – Sócia nº 310

- Dr. Eduardo Neto Lucas dos Santos – Sócio nº 405
- Dr. José Gomes Correia – Sócio nº 680
- Dr. António Joaquim Fernandes – Sócio nº 933
- Dr. Armando Moito Santos Lourenço – Sócio nº 1127
- Dr. Ernesto Mário Teixeira da Silva – Sócio nº 1160

Que descansem em Paz!

CORRIGENDA DO IN MEMORIAM DO CAPA E BATINA Nº 54

É com satisfação que informamos que a Drª. Maria Isabel Teixeira dos Prazeres – Sócia nº 845 continua entre nós.

OS NOSSOS POETAS

DISPERSÃO – DA POESIA À PROSA

(In " A VIA LÁCTEA – UM PERCURSO POÉTICO 1974-2020"), uma entre outras evocações literárias que, no prefácio a esta obra, José Carlos de Vasconcelos assim ilustra:

"No cerne da escrita de Costa Soares está igualmente uma quase permanente tensão, dialéctica – real ou aparente – entre contrários, ou aparentes contrários (conflito, contradição, ou antes complementaridade?). Tensão, dialéctica, mesmo entre pensamento e sentimento (que pode ser superada através da «lógica afectiva»?). A tal propósito é desde logo particularmente significativo o já referido poema de abertura, «Crepúsculo»."

PERDAS

Vivia-se alternadamente entre o passado e a vontade de ter uma ligação qualquer em qualquer sítio que não fosse essa pura repetição do lugar em que iniciámos o caminho. Não podia deixar de se esperar que viesse à mesma hora a lembrança que se fora insinuando ao longo do tempo e onde se abrigava no núcleo da escuridão vivendo abraçada ao mesmo instante onde se perdia o vislumbre da luz que se escorara nos rastos dos corpos estelares que se cruzavam nos olhares de quem antes se perdera na labiríntica poeira das vozes que mais afectuosamente ressoavam nas cavernas das abóbadas vazias das ligações que se espalharam ao longo das margens dos grandes cursos de água, primeiro e, depois, ao longo das esteiras de fogo que foram ficando para trás da trajectória traçada pelos percursos que iam sendo desenhados pelo abandono. Cada uma das figuras estava separada pelo espaço entre o abandono e a nostalgia do sentimento de estar em plenitude naquele mesmo lugar desaparecido em que as recordações confluíam: paredes brancas do castelo vazio surgido no meio da noite, escadarias de jade percorrendo a sinuosa levitação para o ponto mais perigoso da aproximação entre os seres, momentos de deslize entre os dedos dos sons do contacto das impressões formadas pelo grão de voz e pelo desenho da pele das mãos que se iam afastando, recortes das silhuetas que fazíamos quando, conversando, sentíamos o peso da interioridade do ente que perdêramos...

CREPÚSCULO

*As imagens sobrepostas no horizonte
Lembravam o lampejar
Dos anseios de Infinito
E a cintilância das luzes
A flutuar nas sombras do ocaso
Falavam da ancestralidade
Onde se gerou a solidão*

*Dessa nossa ancestralidade inicial
Que morre nos confins do Ocidente
Que vive na aspiração preambular do Oriente
E que recorda
No bramir das suas vagas mais profundas
As brumas do passado
As dúvidas nos primórdios do futuro
O sonho crepuscular do sentimento*

*Que a pouco e pouco
Se vai perdendo e renascendo
Como os pontos da luz tremeluzentes
Das estrelas que se vão apagando no poente...*

OS ANTIGOS SERÕES

*Não era nada fácil tentar o culto da frieza
Sem deixar de dar calor
Às histórias que se contavam
Nas antigas tertúlias dos serões*

*As raparigas
Sentavam-se à lareira lá de casa
Onde o velho cão de guarda se aquecia*

*As chamas crepitavam
E as sombras que faziam
Deambulavam no tecto escurecido
Lembrando os fantasmas do passado*

*Que prolongadas narrativas
Que calor elanguescente as abraçava...
Nada disto porém era verdade*

*O que pairava
Era a angústia mais profunda
Dos amores desencontrados
O absurdo de morrer na juventude
A frieza essa bem fria
De querer aquecer quem não vivia*

Por Fernando da Costa Soares
(Presidente do Círculo Cultural do Supremo Tribunal de Justiça)

HISTÓRIA DA MINHA VIVÊNCIA ACADÉMICA

Por Carlos Manuel de Faria e Almeida Santos

(Carolus Emmanuelis Fariae Almeidaeque Sanctis quando, como veterano, assinava os decretos da praxe)

A queima do "grelho", o penico e o caloiro
A queima do "grelho" no penico e a colocação a esvoçar das fitas largas até aí recolhidas na pasta eram momentos inesquecíveis no decurso da nossa vida académica. Momentos relevantes mas imbuídos de algum antagonismo : por um lado significavam a aproximação do termo da vida escolar e por outro assinalavam que já não tardaria muito a luta pela entrada no mundo do trabalho.

Face ao simbolismo desse momento chave da vida académica fui preparando com cuidado e atenção o "recrutamento" do "animal" que assumiria o honroso

posto da condução do penico.

Fui analisando o perfil de alguns caloiros que perto de mim "pastavam" .

E marquei um em especial .

Só que, dada a delicadeza do posto de trabalho, entendi ser ainda necessário submeter o "animal" a um teste final .

Chamei-o e disse-lhe:

Vais ser submetido a um teste para eu apurar se mereces ser o escolhido.

Eis o tema :

"A influência das questões transactas nos casos correlativamente hipotéticos".

Tens meia hora . Desenrasca-te!

A verdade é que o "animal" elaborou um texto francamente interessante, pelo que confirmei a escolha e ele foi o caloiro que transportou o penico no qual queimei o grelo.

Só que a história não ficou por aqui - eu e também ele pensámos que o tema sobre o qual teve que meditar e o modo positivo como o tratou tiveram algum peso na opção que ele fez mais tarde, após completar o Curso de Medicina .

Tirou a especialidade de Psiquiatria e foi - infelizmente já faleceu - um conceituado médico psiquiatra.

Assim era a praxe nesses bons e saudosos tempos de Coimbra !

BAILE DE GALA DA QUEIMA DAS FITAS - COIMBRA, MAIO DE 1967

Por Maria Isabel Soares da Costa

Quando ia a Coimbra fazer as frequências e depois quando fiz o exame final das duas cadeiras que tinha prescrito em Lisboa, ficava em casa de um casal amigo dos meus pais, que morava na Couraça dos Apóstolos. Isto foi em 1967. Já se passaram 54 anos, mas parece que foi há muito menos tempo!

Nessa altura, foi comigo a Coimbra uma amiga de Lisboa (a Marina Rocha) que tinha lá o namorado a cumprir o Serviço Militar.

Tinha estado com eles na Noite de Letras, no Parque Dr. Manuel Braga, e tínhamos combinado irmos os três ao baile de gala do Liceu Gil Vicente, a seguir ao jantar. De manhã tinha passado bastante tempo no cabeleireiro, para fazer um penteado "ao alto", para dar melhor com o meu primeiro vestido comprido, que ia estrear nessa noite. Não era um vestido, mas sim uma saia preta comprida, uma blusa prateada

e tinha também umas luvas de seda preta que chegavam acima do cotovelo. Não cabia em mim de contente, com os meus 23 anos. Sempre me tinha imaginado a vestir um fato comprido e era aquele o dia em que ia concretizar esse sonho.

Cheguei à entrada do Liceu e a minha amiga trazia um vestido comprido, mas o namorado tinha roupa desportiva, pouco adequada a um baile de gala.

Perguntei: "Então vais assim vestido?"

Ao que ele respondeu: "Isabel, nós não te queríamos dizer, mas não vamos ao baile. Viemos acompanhar-te à entrada, mas não vamos."

"Então e eu? Já gastei dinheiro na entrada e não posso pensar que não vou..."

"Não te preocupes - respondeu ele - eu tenho um amigo que vai ao baile e tu entras com ele..."

"Mas eu não o conheço e lá dentro não conheço ninguém..."

"Não faz mal, ficas a conhecê-lo."

"Então e tenho de dançar com ele toda a noite? Nem pensar!"

Momentos depois, apareceu com um jeito simpático, mas muito gordo e mais baixo do que eu...

Fiquei mesmo aborrecida. A noite estava estragada!...

Mas entrei com o rapaz. Dançámos 1 ou 2 vezes. O calor era muito e as minhas luvas altas eram incómodas. Tirei-as e pedi-lhe para ele as guardar na batina. Mas depois dei uma desculpa e acabei por não dançar mais com ele. Retirei-me para um canto e a certa altura um rapaz que me costumava atender num dos restaurantes onde eu comia quando ia a Coimbra (um era a Democrática, o outro era, se não me falha a memória, o restaurante Ninito, próximo da estação de comboios Coimbra B) e que também estava no baile, reparou em mim e pediu-me para dançar.

As músicas foram-se sucedendo, acertávamos bem, e não dancei com mais ninguém durante toda a noite. Mas à medida que se aproximava o fim do baile, comecei a ficar preocupada: E as minhas luvas? Se apareço em casa sem elas, a minha mãe vai ficar zangadíssima. Mas tive sorte: à saída, por volta das 7,30

h da manhã, lá estava o rapaz gordo à minha espera para me entregar as luvas... Foi uma noite maravilhosa e adorei ter participado no baile de gala. Depois, fui apanhar um táxi para ir para casa do casal amigo dos meus pais, tomar um duche, comer o pequeno almoço e sair sem dormir para a garraizada da Figueira

da Foz. Foi a primeira vez na vida em que passei uma noite sem me deitar... E durante a garraizada acho que cabeceei várias vezes sentada na Praça de Touros... Há vivências que nos acompanham pela vida fora e esta foi uma delas... Querida Coimbra, quantas saudades tenho de ti!

O MUNDO INTEIRO ATRAVESSA UMA ENORME CRISE SANITÁRIA QUE ORIGINOU OUTRAS GRANDES CRISES TAIS COMO: ECONÓMICA, A MAIS GRAVE, SANITÁRIA, SOCIAL, FAMILIAR, AFECTOS.

Por Nela Frias Costa

A Associação de Emergência Social (AES), está inserida num bairro problemático, o Bairro da Cruz Vermelha, exercendo a sua actividade neste bairro e no Bairro da Musgueira. É uma IPSS que, juntamente com voluntários, vai tentando dar apoio, dentro das suas possibilidades, a uma enorme quantidade de pedidos, que lhe são solicitados, principalmente na parte alimentar. Quem trabalha no terreno, tem a nítida visão da grande crise que existe, não se conseguindo chegar a todos, o que torna o trabalho muito mais difícil. Todos os casos apoiados, estão perfeitamente identificados.

No entanto, além do apoio alimentar, também existem outros tipos de apoios: Jurídico, Social, Familiar e um ATL, para que as crianças em idade escolar possam fazer os seus trabalhos, quando acabam as aulas. No entanto com a interrupção das aulas, a situação agravou-se, pois as crianças deixaram de ter o apoio que necessitavam. Apesar de o ATL continuar aberto, como não havia escola, as crianças também não queriam ir ao ATL criando, por vezes, problemas familiares difíceis de resolver. Além da AES, existe também a Associação para a Formação de Pais – AFEP, que é uma ONG, trabalhando em três escolas, inseridas em 3 bairros pro-

blemáticos: Cruz Vermelha, Musgueira e Ameixoeira. Tem dois projectos, Escola de Pais e Amigo Grande Amigo Pequeno. Este projecto, Amigo Grande Amigo Pequeno, é feito dentro das escolas primárias, por Voluntários Universitários dos 18 aos 26 anos. O Amigo Pequeno, que tenha problemas não cognitivos, é seleccionado pelo Professor e entregue ao seu Amigo/a Grande que, uma vez por semana, irá à escola para estarem juntos durante 1h a 1h 30m. Normalmente, os problemas destas crianças, são uma auto estima muito baixa, carências de afecto, um ambiente familiar nada bom, um mau comportamento dentro da sala de aula e também com os seus colegas. É espantoso como estas crianças reagem com uma enorme alegria e felicidade a este projecto, vendo no seu Amigo/a o apoio que lhe dá a atenção, que eles não têm. Há uma grande interacção com os Professores e têm-se resolvido muitos problemas familiares. Este projecto está implantado há 22 anos, tendo á volta de 70 a 80 Amigos pequenos e igual número de Amigos grandes. Com esta pandemia o projecto está em pausa, mas as escolas querem que ele regresse, tão rapidamente quanto possível. Com esta grande pandemia, que assolou o mun-

do inteiro, surgiram gravíssimos problemas socioeconómicos, familiares e de afectos. Os pobres que já eram pobres, ficaram muito pior do que já estavam, vivendo em condições muito precárias e sem quaisquer estímulos. Muitos perderam empregos, não conseguindo dar resposta aos encargos familiares. Outros estão sós, doentes e sem ninguém que os ajude e em condições de vida nada saudáveis. Outros foram invadidos nas suas casas pelos filhos, que lhes tiraram tudo e os tratam sem carinho. Muitas vezes queixam-se que vivem sós, não tendo um ombro amigo para desabafar. O que mais os entristece é a falta dos afectos, que tanta falta lhes fazem. Com esta situação, as visitas que se faziam às pessoas que mais precisavam, deixaram de se fazer, não existe convívio entre eles, a solidão é muito maior e as desigualdades sociais vão crescendo. Por muito que se tente fazer, por muita ajuda que se possa tentar dar, não se consegue resolver os problemas como se gostaria, por forma a dar às pessoas, melhores condições de vida. Apesar de tudo, o que vai valendo para a crise não ser maior, é o grande apoio que os Voluntários estão a dar a todos os níveis e que têm sido um grande pilar a nível social.

1 – UNIVERSIDADE DE COIMBRA A MAIS SUSTENTÁVEL DE PORTUGAL



A Universidade de Coimbra (UC) é a instituição mais sustentável do país e a 21ª do mundo, revela hoje o ranking The Times Higher Education Impact Rankings 2021. Com um total de 92.7 pontos em 100, a UC foi a com um melhor desempenho global em Portugal no cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas. A UC foi também considerada a terceira melhor no cumprimento do ODS 2 – Erradicar a Fome, devido à sua estratégia de combate ao desperdício alimentar. A universidade dispõe de uma refeição so-

cial, disponibiliza cabazes alimentares a preços acessíveis pelos Serviços da Ação Social, e desenvolve algumas iniciativas em parceria com produtores locais para a escoação de produtos.

Destacou-se ainda no cumprimento do ODS 9 – Indústria, Inovação e Infraestruturas, ocupando a 13ª posição, e no ODS 3 – Saúde de Qualidade, onde ocupa o 44º lugar, ambos a nível mundial. Amílcar Falcão, Reitor da Universidade de Coimbra, afirma "Estes resultados são um motivo de orgulho e de incentivo mas são tão encorajadores quanto desafiantes

porque há muito mais caminho por percorrer do que aquele que já foi trilhado. Criar consciência social, dar o exemplo e congregar esforços são fundamentais para que os objetivos coletivos sejam atingidos, envolvendo os nossos estudantes para quem o amanhã irá ser o mundo em que terão de viver".

O The Times Higher Education Impact Rankings tem como objetivo medir o sucesso global das universidades no cumprimento dos ODS, contabilizando 18 rankings: um por ODS e um a nível global.

II – ACADEMIA DE COIMBRA

Dia Nacional do Estudante – 24 de Março

Estudantes de Coimbra defendem erradicação das propinas no ensino superior

O presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, João Assunção, defendeu a concretização do plano nacional para alojamento, entre outras medidas de apoio aos estudantes nacionais e internacionais, nomeadamente:

- A necessidade de aumentar os apoios sociais e a intervenção do Estado, de forma a contradizer os efeitos nefastos na sociedade e na economia gerados pela pandemia da Covid-19;

- Aumentar a amplitude da atribuição das bolsas para alcançar a equidade entre estudantes mais e menos favorecidos no quadro do ensino superior.
- Numa altura em que os mestrados deixam de ser um luxo para serem uma verdadeira exigência para o ingresso no mercado laboral, muitas das instituições de ensino superior em Portugal encaram este 2.º ciclo como uma autêntica mina de ouro,

praticando preços verdadeiramente abusivos para a realidade nacional

- Revisitar o estatuto do estudante internacional, que suporta uma propina mais do que sete vezes superior à do estudante português
- É agora, mais que nunca, fundamental olhar para o valor da propina e compreender a urgência da sua progressiva redução rumo à Propina Zero, rematou.

AAC celebra Crise Académica com eventos pela cidade

Em 17 de abril, estudantes conimbricenses relembrou a luta pela liberdade. DG/AAC põe em prática plano de conectar estudantes com centro histórico de Coimbra.

A Associação Académica de Coimbra homenageou a crise académica em três momentos diferentes:

1º - Distribuição de flores pela cidade, a lembrar a "Operação Flor": há 50 anos os estudantes da academia de Coimbra

fizeram frente ao poder instalado e foram contra o Estado opressor.

2º - **Diálogo** entre amigos ao mesmo tempo que um **debate**, com personalidades que viveram na primeira pessoa os acontecimentos do 17 de Abril de 1969.

3º - Transmissão em directo na página do Facebook da AAC do documentário "futebol de causas", de Ricardo Antunes Martins.

O presidente da AAC João Assunção referiu que este evento foi mais uma iniciativa que consegue aproximar as gerações da cidade, mantendo uma aliança histórica que permite à Associação ser representante da Universidade e de toda a cidade. Texto e fotos da crise Académica de 1969, a luta das "Capas Negras" foi publicado em 24/3/2016 no site <https://observador.pt/2016/03/24/crise-1969-as-imagens-luta-capas-negras-estudantes/>

Nova Plataforma de Associados da Associação Académica de Coimbra: É hora de voltar a casa!

Caras e Caros dirigentes das Associações de Antigos Estudantes de Coimbra

A Associação Académica de Coimbra irá lançar uma nova plataforma digital de captação de Associados da Associação Académica de Coimbra (www.extraordinario.academica.pt).

Neste novo instrumento será possível realizar a inscrição como Associado Extraordinário da Associação Académica de Coimbra, conhecer as condições e vantagens da sua inscrição e conhecer a nossa rede de entidades parceiras que,

ao longo do tempo, procuraremos que seja mais ampla e dinâmica para todos os nossos associados. Acreditamos que este é o mecanismo ideal para edificarmos a Académica que idealizamos: uma Académica de Gerações, onde os que por cá passaram, os que estão e os que virão podem fazer parte da nossa associação, ajudando-a a melhorar e a crescer a cada dia que passa. Convidamos, desta forma, quem, ao longo da sua vida académica passou por Coimbra e recorda com saudade os tempos vividos

naquela que foi e sempre será a sua Casa, a visitar a nossa nova plataforma e a juntarem-se à AAC. Seria, para mim e minha equipa, uma tremenda honra receber-vos de portas abertas! Os academistas estão espalhados por todo o país e por todo o mundo... Agora, é hora de voltar a Casa! Viva a Associação Académica de Coimbra!

Com as mais cordiais Saudações Académicas,

*Por João Assunção
Presidente da AAC*

III – NOS 25 ANOS DA CASA DA ACADÉMICA BRIOSA SEMPRE!

Fundada em 8 de Março de 1994, a CASA DA ACADÉMICA EM LISBOA fez 25 ANOS, em 2019. Por tal motivo, a nova direção eleita em Abril desse ano, tinha consagrado no seu programa eleitoral que a efeméride seria festejada de forma especial, não só pela particularidade de se ver cumprido um quarto de século, mas também pelo significado da sua constituição e por ser oportunidade para justa homenagem aos indefetíveis académicos que unidos pelo amor e paixão a COIMBRA e à BRIOSA, aos seus valores e cultura, tornaram possível este reduto de Coimbra em Lisboa! O programa eleitoral a par de um conjunto diversificado de iniciativas e de pretender que a Casa da Académica em

Lisboa constituísse um espaço de convívio entre todos os académicos, previa ainda a "obrigatoriedade" de festejar-se anualmente o aniversário da CASA o que nem sempre vinha acontecendo. Face a um conjunto de adequações que então era urgente implementar, entendeu-se que a celebração dos 25 Anos da CAL seria a primeira grande manifestação do novo ano de 2020 e que, conjuntamente, seriam evocados também os 50 ANOS SOBRE A CRISE ACADÉMICA DE 69 e a mítica Final da Taça de Portugal que, em 22 de Junho desse ano, opôs a Académica ao Benfica e constituiu, como muitos recordamos, um impressionante comício contra o regime. Esta final da Taça, em contexto de crise académica e com o

envolvimento de milhares de estudantes que, nas bancadas do Jamor, fizeram ecoar cânticos e ergueram cartazes contra a ditadura, mais do que um jogo de futebol, foi um grito coletivo que deu notoriedade e força à revolta da Academia de Coimbra! As lutas e vivências académicas, a história riquíssima da Briosa, o futuro do Organismo Autónomo de Futebol eram os temas para uma tertúlia que se queria desafiante e atual. O Organismo Autónomo de Futebol (AAC-OAF) tem sido o emblema maior da AAC, da Universidade, da cidade e da região pela enorme popularidade e mediatismo que o futebol encerra. A Académica é um cimento que une também as diversas gerações que passaram por Coimbra. Com o

seu rico historial, a Briosa conquistou um lugar de destaque no panorama desportivo nacional. Foi graças à riqueza do seu currículo desportivo e à força da sua matriz que a Académica-futebol foi marcante na contestação e revolta estudantil e resistiu às crises de 1962 e 1969. O mundo do futebol enfrenta hoje dificuldades e desafios a que a Académica não é exceção. É natural que surjam interrogações, desejos de novos caminhos e soluções. Que presente e que futuro queremos para a Académica-OAF? Compete aos sócios e a todo o universo académico partilhar, solidária e conjuntamente, as reais preocupações do momento e encontrar as respostas mais adequadas e que melhor sirvam os interesses da instituição. Seja qual for o modelo societário,

a preocupação primeira deverá ser sempre a defesa da "Marca Académica", associada à Universidade e à Academia, às vivências académicas, ao contributo na formação humana e desportiva dos atletas, história que nos distingue e dignifica! Académica e Universidade de Coimbra são sempre vistos como inseparáveis, tornaram-se nomes conhecidos e admirados do desporto e cultura. Muito se deve ao futebol da AAC-OAF, ao basquetebol, à natação, ao rugby, à ginástica, aos orfeonistas, aos grupos de fados, todas as secções que, em conjunto, tornam a Universidade de Coimbra e a sua Academia referência e exemplo! Mais do que um clube, a Académica é uma instituição de matriz única em que perdura uma imagem de valores, de cultura, de forma-

ção humana e desportiva. Todos queremos uma Académica forte. O sucesso desportivo da Académica, a sua visibilidade, engrandece a Universidade e toda a Academia e é do interesse da cidade e da região. Honrar o passado e seguir ao encontro do futuro, é o grande desafio que se coloca hoje à Académica-OAF! É este desafio que queremos partilhar e discutir! Infelizmente, a nossa tertúlia não passou de sustentada intenção. A situação pandémica motivada pelo Covid-19 não deixou celebrar a data. Iremos fazê-lo logo que as circunstâncias o permitam e será, seguramente, redobrada oportunidade de celebração e fraterno convívio académico.

Por Joaquim Couto

(Presidente da Casa da Académica em Lisboa)

IV – DIA DA EUROPA – 9 DE MAIO

Município da Guarda
10 de maio às 15:35

1º BEBÉ NASCIDO NO DIA DA EUROPA INTEGRA SIMBOLICAMENTE A COMISSÃO DE HONRA DA CANDIDATURA GUARDA 2027
Simão Pardalejo Fernandes, 1º Bebé nascido na Guarda no Dia da Europa, ontem, 9 de maio, é Membro Honorário da Comissão de Honra da Candidatura Guarda Capital Europeia da Cultura. Simão, nasceu de cesariana, com 3,800kg, e é o segundo filho de um casal de Pinhel, Ana Sofia Pardalejo, 35 anos, engenheira informática e de Pedro Nunes Fernandes, 36 anos, apicultor. O facto foi, hoje, assinalado com a entrega simbólica do Anjo da Guarda, pelo presidente da Câmara da Guarda, Carlos Chaves Monteiro, na Maternidade da ULS da Guarda.

De como este acontecimento, assim divulgado, avivou o brio Pinhelense:

1 - Caríssimo conterrâneo Juiz Conselheiro José Pereira Graça

Porque manifestaste interesse no que respeita a Pinhel, que tanto tens ajudado, dou conta de um "acontecimento histórico" protagonizado pelo mais novo membro da Família Pardalejo. O pequenino Simão será uma celebridade e esta tia-avó vai acompanhá-lo do Além (achas que irei para o céu?).

É neto do meu irmão mais novo, o Artur que vive em Pinhel e tu conheces, e irmão do Xavier (3 anos) que disse, no momento do parto, "a Mãe vai tirar o mano". Conceito este sublime que os Pais souberam inculcar-lhe, não achas?. Tão diferente dos que impingiam às nossas gerações...

Não quererás oferecer mais uma brilhante dissertação sobre tudo isto para o Capa e Batina que estamos a preparar?. Com Saudações Académicas, Fátima Lencastre

2 - Cara Fátima Lencastre, Ilustríssima conterrânea, Presidente da AAACL:

Crê que me deu muita satisfação esta abordagem personalizada, assim de pinhelense (citadino) para pinhelense (aldeão), assente nos seguintes notáveis pressupostos:

1º - Uma simpática fada boa, provavelmente bem conhecedora do que são os reais sentimentos de uma tia-avó, empurrou para a luz do dia um reivindicativo pimpolho (a foto não deixa dúvidas quanto à justeza do qualificativo), o neonato Simão.

O evento, o primeiro desta jubilosa natureza, ocorreu, obviamente por interceção da mesma atenta deidade, no Dia da Europa, quando a Guarda prepara a sua candidatura a Capital Europeia da Cultura 2027. Com a sua varinha de condão, só pode ser, inspirou a edilidade egitaniense o integrá-lo na Comissão de Honra da respetiva preparação.

2º - Bem augurada a referida celebridade, pretende a orgulhosa tia-avó acompanhá-lo, um dia, do Além e pretende saber, oh que estrepitante pretensão, se eu, um simples comedor, na época própria, de boas uvas, iguais às que vão dar origem ao excelente vinho de Pinhel, a assumida Cidade do Vinho, acharei, ultrapassando a qualidade de ocasional cronista deste evento, que ela, a tia, irá para o céu! Claro, esta ida é conditio sine qua non daquela

pretensão de acompanhamento futuro, naturalmente a uma distância estelar.

3º -- Que acho eu do significativo facto de o Xavier, de três anos, no momento do parto do mano, comentar pragmaticamente que a "Mãe vai tirar o mano"!

Este o mote, agora a glosa. Ciclópica tarefa!

Resta-me, à semelhança de Virgílio, para que pudesse escrever arma virumque cano, ou de Camões, para cantar "as armas e barões assinalados", que tiveram de invocar ajuda especial, tentar fazer o mesmo... Lembras-te? De qualquer jeito, como é bom recordar:

*"E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandiloquo e corrente,
Por que de vossas águas Febo ordene
Que não tenham inveja às de Hipocrene."*

Bom. A tanto não passo aspirar.

Contudo, "agora tu, Caliope, me ensina" o que hei de dizer à minha querida Conterrânea. Vejamos:

Ponto 1 – Curiosíssima coincidência geradora da surpresa dos pais, aquela de verem um anjo, voando etéreo, entrar pela janela da maternidade e pousar solícito e dedicado junto

do recém-nascido. Este nem lhe deu atenção, ocupado que estava em sugar o colostro que a Mãe lhe oferecia enternecia e encantada.

A cena representa, na sua terna simplicidade, toda a força e harmonia do Universo, em que a sensibilidade e a imaginação criam um imenso coro de vozes e violinos, cantando o momento de FELICIDADE total.

Que excelente augúrio!

Ponto 2 – Reconheço à rendida tia-avó o direito de continuar a acompanhar, lá do assento celeste a que todos temos se subir um dia, os iniciáticos êxitos quando eles se multiplicarem pelo longo fio tecido e dobado pela parca Cloto, conduzido cuidadosamente pela sua irmã

Láquesis. Por se achar manifestamente fora do contexto, ignoramos Átropos, a terceira irmã.

Claro que eu acredito solidariamente na

realidade dessa olímpica possibilidade se tu, cara Amiga, a assumes e enquanto persistir essa perclaríssima assunção.

Ponto 3 – Significado da prodigiosa tirada intelectual do assertivo Xavier, retirada do imo da sinceridade dos seus três anitos: "A Mãe vai tirar o mano". Da barriga, entenda-se!

Lembras-te, Fátima, do que nós diríamos nas mesmas circunstâncias?

Claro que lembras: "A cegonha vai trazer o mano!"

Antes de mais, repara como nós, alcandorados no alto escadório da nossa quarta idade, somos uns privilegiados, relativamente a quem nunca sentiu a vivência fora das grandes cidades.

Quem como eu respirou a plena ruralidade ou como tu que, nascida numa pequena urbe, pressentiu essa ruralidade, sabemos o que é um carro de vacas ou de bois, o tamanho da utilidade de um burro ou de uma mula ou de um simples arado, de uma grade e da vida que brotava do ato de lavragem e de gradagem ou da importância das primeiras chuvas após os longos verões a permitir, as sementeiras dos nabais e das searas, vastos mares de beleza verde, depois dourada, exibida em eólicas e brandas ondas.

E os cantares das gentes das foices aos domingos, depois de uma semana inteira com o corpo vergado de modo a cortar rente os colmos do centeio, depois atados em molhos transportados para as eiras em vagarosos e chiantes carros, a espantarem a basta passarada com o fito nos grãos escapulidos?

E o robusto cenário dos manguais a zurrem em rigorosa cadência as espigas, já com saudade do grão que para sempre largaram? E os vergueiros, em prodígios de equilíbrio, a transportarem, escada a cima, enormes quantidades de palha malhada, depois ajeitada pelo palheiro a esculpir o palheiro até ao cume em bico?

E os picanços (cegonhas) a dançarem nos ares por força de braços musculados para extração da água dos poços, vida dos batatais? E as gárrulas vindimas, as pisas nos lagares e o enchimento dos tonéis? E o ritual da matança do porco?

Tudo isto pintado com a exuberância ativa das madrugadas frescas de orvalho, a salpicar as pétalas em desabrocho languido para a luz nascente, e com o cromatismo dos poentes outo-

nais, nostalgicamente esvaecentes.

E o *b a b á* escrito com um pauzinho pintado, do feito de lápis, com aparo na ponta, molhado repetidamente no tinteiro incrustado num buraco à nossa frente, na carteira de madeira de pinho?

Paralelamente a isto tudo coexistia a ida à missa, pelo menos aos domingos, as expiações confissões no mínimo anuais, o jejum desde a meia-noite até à hora de comungar, o pagamento de bulas à Igreja para se comer carne às sextas-feiras, a prestação anual da cõngrua ao padre em alqueires de centeio, na aldeia, que dinheiro escasseava. Está aqui o nosso privilégio, o meu privilégio:

Vivemos, conhecemos esta forma de vida e agora, em pleno século XXI, já vislumbramos o mundo do futuro em que "as mães já tiram os filhos da barriga" em conhecimento generalizado, como ato trivial integrado na cultura geral.

Neste ponto da nossa linha da vida, quartanistas da Faculdade regida por Cronos, já nos falta a possibilidade física de alcançarmos o futuro fantástico que aí vem. Em compensação, já hão de começar a projetar-se, bem sabendo para onde vão, os agora pequeninos Simão e Xavier.

Contudo, há algo que podemos fazer: cavalgando fogosos corcéis de imaginação, que não conhece limites, podemos começar a abrir portas muito para lá deste presente que, na essência, já está ultrapassado, faltando a perceção respetiva.

Na verdade, já tudo mudou: as organizações políticas e administrativas (a OPAN, lembraste?) não funcionam, os sistemas conhecidos de Economia não resolvem os problemas cada vez mais enquistados. O mundo anda confuso e atarantado.

Urge criar tudo de novo, de tal modo, que é preciso ultrapassar a fronteira da Era que ainda está a ser a nossa, a Era Contemporânea, a do *homo sapiens sapiens*, a do *primitivo cósmico* na linguagem de Edgar Morin.

Glosando este pensador francês, direi que urge entrar na nova Era, a do Civilizado Cósmico.

Tal mudança não ocorrerá enquanto faltar a referida perceção, o eterno cogito ergo sum.

É preciso começar a entrar em novas portas!

José Pereira Graça

1 - A VOZ DA CRIANÇA

Querido Jesus!

Sabeis que nós, crianças, também temos cruzes, que não são mais leves nem mais pesadas do que as dos grandes, mas são verdadeiras cruzes, que sentimos pesadas mesmo de noite. E só Vós o sabeis, tomando-as a sério. Só Vós.

Só Vós sabeis como é difícil para mim aprender a não ter medo do escuro e da solidão.

Só Vós sabeis como é difícil não conseguir reter, acordando cada manhã todo molhado.

Só Vós sabeis como é difícil não conseguir falar bem como os outros, pensar rápido e fazer as contas certas.

Só Vós sabeis como é difícil ver os meus pais discutir, bater a porta com força e estar sem se falar dias a fio.

Só Vós sabeis como é difícil ser ridicularizado pelos outros e dar-se conta de ser excluído das festas.

Só Vós sabeis o que significa ser pobre e dever renunciar àquilo que os meus amigos têm.

Só Vós sabeis como é difícil libertar-me dum segredo que me magoa tanto, não sabendo a quem o contar com medo de ser traído, acusado ou não acreditado.

Querido bom Jesus, fostes criança como eu! Também Vós brincáveis e talvez tenhais caído e Vos magoastes; também Vós fostes à escola e talvez alguns deveres de casa não tenham ido muito bem; também Vós tivestes uma mãe e um pai e sabeis que às vezes não tenho muita vontade de obedecer quando me mandam fazer os

deveres de casa, levar o lixo, fazer a cama e arrumar o quarto; também Vós fostes à catequese e à oração e sabeis que nem sempre vou com grande alegria.

Meu querido e bom Jesus, sobretudo sabeis que há crianças no mundo que não têm que comer, não têm instrução escolar, são exploradas e obrigadas a combater.

Ajudai-nos dia a dia a levar as nossas cruzes como levastes a vossa. Ajudai-nos a tornar-nos cada vez melhores: a ser como Vós nos quereis. E agradeço-Vos por saber que estais sempre junto de mim e nunca me abandonais, sobretudo quando estou com mais medo, e por me terdes mandado o meu Anjo da Guarda que todos os dias me protege e ilumina.

Amen.

A oração do Papa na Via-Sacra com e pelas crianças do mundo 2021



Papa Francisco deita-se e ora na Basílica de São Pedro, antes de liderar a Via-Sacra no Vaticano



As crianças e suas cruzes estiveram no centro da Via-Sacra presidida pelo Papa Francisco

11 – CRÔNICAS DE SANTA MARIA

21 de Janeiro – instada por familiares a ligar ao SNS24, após uma semana de febres baixas, lá consigo entrar na linha dos telefonemas a aguardar. Sou encaminhada para S. Lázaro a fim de fazer o teste.

Chegada à fila na rua pelas 15hs, num dia de frio e chuva, fico com a impressão que seremos uns 20, até ao ponto em que a fila faz uma curva que calculo que dê acesso à entrada nas instalações. A coisa parece quase não avançar e passada talvez mais de uma hora e meia chego ao ponto que julgava ser a meta para perceber que afinal se tratava apenas de uma volta ao quarteirão e a fila era agora substancialmente maior até à suposta entrada no edifício.

Tendo em conta a espera já sofrida e a pouca vontade de recomeçar noutra lado qualquer, aguento a pé firme, solidária com os outros sofredores.

Já perto das 20hs sou vista por uma médica que se manifesta preocupada com a auscultação e recomenda ida às urgências de S. José, onde me fariam o teste. Confesso a minha exaustão, reivindico a realização do teste no local (o que é aceite) e informo que no dia seguinte irei a uma urgência.

Dia 22 – Vou à urgência do Hospital da Luz. Após uma série de exames, sou devolvida a casa com a confirmação de que o meu teste é positivo. Animo-me com a ideia de que a suspeita de pneumonia não se confirmaria. Pouco tempo depois o meu filho deposita em minha casa o oxímetro que passará a ditar o meu destino.

Nos dias seguintes, subida da febre, fraqueza, falta de apetite, oxigénio em baixo. Na noite de dia 26, telefonema do SNS24 recomenda regresso à urgência dada a persistência da febre.

Dia 27 – De manhã, volto à Luz, aí é identificada situação que constitui critério para internamento e sou ligada ao oxigénio. Avisam-me que no caso de não haver vagas na Luz (ADSE não comparticipa) serei encaminhada

para o Hospital de Santa Maria.

O transporte para Santa Maria (atrelada ao oxigénio) é da responsabilidade da Luz e pelas 16hs anunciam-me que a ambulância está à espera.

Chegamos à fila de ambulâncias do HST pelas 16.30hs, ainda não sei mas o estacionamento até à entrada no Covidário vai durar 12 horas.

Fico sozinha no interior da ambulância o que me dá alguma privacidade (falta-me um livro, mas tenho o telemóvel que me permite ir comunicando com a família).

Lá fora, na noite, o rumor das vozes do pessoal das ambulâncias. Fico com a impressão de que alguns ambientes especiais não podem deixar de criar laços especiais.

Entrada e estadia no Hospital de Santa Maria

Dia 28 – Pelas 5 da manhã, saída da ambulância, com a garrafa de oxigénio atrás, entrada no Covidário.

Primeiro lugar de estacionamento – num cadeirão confortável, um espaço limitado por três divisórias, com uns 2 metros x 2 metros, a referência T4 está afixada na divisória à direita. O quarto lado do quadrado não existe, abertura total para o corredor contíguo é mesmo em frente a porta para a sala de reanimação.

Há sempre gente a circular, uma agitação, há contentores de lixo que estão continuamente a ser cheios e esvaziados. Os sacos de plástico de grande dimensão vão sendo calcados para ocuparem o mínimo espaço nos contentores.

Preocupa-me a ausência de ficha para carregamento de telemóvel (felizmente tenho comigo o carregador). Ao fim de algum tempo lá descubro que posso ir à casa de banho pelo meu pé e retirar o oxigénio nesse intervalo.

Mais tarde faço uma TAC e volto para o meu canto.

Vou dando notícias à família que me faz chegar um livro (Palácio da Lua – Paul Auster) e um maravilhoso cartaz

feito pelos netos. A cuidadora que me entregou (enfermeira?) fê-lo com um ar deliciado depois de já me ter avisado que me tinham trazido uma surpresa.

Tudo circula dentro de sacos de plástico super-resistentes neste ambiente designado por "zona suja".

Ao fim do dia anunciam-me que vou para outro local, penso que será definitivo.

Transportada em cadeira de rodas (pequena mas onde consigo levar tudo quanto há ao colo), há um segurança que conduz com destreza o veículo, mais a garrafa de oxigénio, noite fechada, passamos pela rua e temos que vencer alguns desníveis.

Perceberei mais tarde que afinal será apenas um **segundo lugar de estacionamento** – desta vez uma verdadeira box, a parede de separação para o corredor tem uma grande janela de vidro. Aqui tenho uma casa da

banho privada, cama é que não, fico a pensar como vou passar a noite, este cadeirão está mais velhote e não dá para levantar os pés "é o que temos" informa tristemente a pessoa que me instala no espaço.

Continuo a leitura do Palácio da Lua, ensaiando as posições menos desconfortáveis no cadeirão manco. Perto da uma da manhã, anunciam-me que vou para a enfermaria.

Mais passeios pela rua com o condutor/segurança a empurrar "a velha e seus haveres", entrada no elevador de paredes metálicas mais uns corredores até desaguar no serviço de medicina.

Na **enfermaria, uma cama** (afinal tenho direito a uma cama); passa-se um cerimonial que vou ver repetir com outros recém-chegados. Algumas perguntas: sabe porque está aqui? Com quem vive? (a resposta é "comigo" e fico a pensar mas não digo "com muito prazer"). Lá vão percebendo que o meu grau de autonomia e consciência não lhes deve inspirar cuidados. Enquanto me inquieto por estar a perturbar o descanso noturno dos outros 3 doentes da enferma-

ria, assisto à inventariação dos meus bens que constarão de lista a verificar à saída, contam o dinheiro até ao último cêntimo. Conseguem meter em dois sacos de plástico tudo o que trago comigo, excepto um guarda chuva que fica encostado a um canto.

Resigno-me a entrar na farda hospitalar, que acaba por se revelar confortável (muda diária de roupa de vestir e de cama!).

A cama articulada e a mesa de cabeceira multifunções parecem-me servir às mil maravilhas, tomada acessível para o carregador do telefone (estou salva).

Uma pequena surpresa: "aquí não há casa de banho" - numa cadeira ao lado da cama uma arrastadeira (com um saco de plástico, mais um) haverá de cumprir as respetivas funções. Grande vantagem, já que tenho total liberdade de movimentos posso prescindir do auxílio de terceiros sujeitos a múltiplas prioridades.

Finalmente, a equipe de astronautas que acaba de me instalar na lua, fecha as luzes e a porta e vai para outras paragens.

É nessa altura que me dou conta da variedade da banda sonora ambiente, tosse, respirações com diversos ritmos e um concerto de lamentos da doente na cama ao lado da minha que pode atingir o volume de trinados de ópera.

Apesar de tudo consigo sossegar e é conveniente porque entre as 5hs e as 6hs começa a ronda da madrugada com medições e medicação.

Dia 29 (sexta feira) – Acordo para a vida da enfermaria, sempre com o oxigénio a auxiliar a respiração.

Aprendo os gestos de autonomia de um banho numa pequena bacia metálica com água quente. Sinto-me renovada com esta higiene matinal e mando selfie à família para provar que me encontro bem.

A manhã é dedicada a rotinas várias, além das higiènes, as medições (oxigénio, tensão e febre) e a medicação. As equipas de limpeza e enfermagem desempenham as suas funções num ambiente colaborativo e seguro. Alguém me pergunta o que quero

para o pequeno almoço (serviço à la carte).

Há uma médica que me observa, constata alguma desidratação, mas não me dá informação sobre tratamento nem prognóstico.

A enfermaria é quadrada alguma privacidade entre as camas é conseguida com a movimentação de biombos, a pintura das paredes está impecável, tudo tem uma ar limpo. Há três grandes janelas, uma do lado direito da minha cama, a largura corresponde ao comprimento da cama e a altura ultrapassa os 2 metros.

Além de mim mais duas mulheres e um homem. Diferentes níveis de gravidade e atitudes perante a doença, entre a resignação, o medo e a ansiedade, incluindo manifestos planos de fuga. Tento conversar e transmitir alguma serenidade.

À hora do lanche voltam a perguntar-me o que quero comer, sinto-me num hotel com mimos a que não estou habituada.

A noite é relativamente calma, só interrompida para medições e medicação. Estava a precisar deste descanso seguido, embora dormir de máscara e com o oxigénio no nariz não seja muito cómodo.

Com as luzes apagadas, rezo o terço (as contas são os dedos), dou-me conta de que este é um ambiente muito especial para invocar repetidamente "Santa Maria, Mãe de Deus..."

Ouvirei essa invocação várias vezes da parte de outros doentes "Nossa Senhora me acuda" (ou equivalente). Nossa Senhora acode, mas vem vestida de astronauta com palavras de ternura e algum humor a afastar ansiedades malsãs.

Dia 30 – Acordo com os ritos da madrugada. Depois da higiene matinal faço nova selfie para sossegar a família. Mais tarde depois das medições, alguém me anuncia que me vão libertar do oxigénio, a ver como corre.

É sábado não há visitas de médicos, na conversa com uma enfermeira procuro saber o tempo mais provável da estadia e sou informada que a medicação que estou a tomar costuma ser administrada entre 7 a 10

dias (não garanto que esta informação me tenha sido dada no sábado ou no domingo). Mentalizo-me para esse efeito.

Encontro diferentes posições para ler na cama, aprendo a lidar com a engrenagem da cama articulada.

O livro está a chegar ao fim e faço uma encomenda à família, mais literatura, uma tesoura de unhas, creme hidratante, um bloco e uma caneta.

Vou fazendo alguns exercícios de yoga compatíveis com a posição sentada, dou graças por quase 40 anos a investir no conhecimento do meu corpo.

Dia 31 – Repetem-se os ritos matinais, sinto-me bem e estando onde tenho que estar. É domingo não haverá passagem de médico para doentes como eu, nem espero novidades quanto a tratamento mas continuo a dispensar o oxigénio o que me deixa muito animada. Durante a tarde recebo as encomendas que pedi.

À noite quando a respiração da doente da cama ao lado se torna mais pesada procuro respirar ao seu ritmo, na esperança de lhe poder transmitir alguma tranquilidade, na verdade acho que tem melhoras, apesar da sua grande dependência e confusão mental. Os cuidados da equipa médica com o seu estado geral são muitos e provavelmente a medicação contribui para a maior pacificação.

Acabo por adormecer para uma noite mais calma.

Dia 1 de fevereiro (segunda-feira) – De novo dá-se início às rotinas diárias na enfermaria. Um ponto que me tem impressionado: no contacto dos cuidadores com os doentes, antes de cada ato explica-se o que se vai fazer, não se toca um corpo sem pedir licença para o fazer.

Claro que há as exceções quando a comunicação não funciona normalmente. Para a doente ao lado da minha cama é preciso usar um tom mais assertivo para conseguir que abra a boca para comer e que engula a comida.

Mantenho conversa com a doente da cama da frente e prossigo na leitura. Ainda não é hoje que verei o médico.

Os meus parâmetros continuam satisfatórios. Calculo que não suscitem preocupações aos clínicos a recuperarem outras novidades mais preocupantes do fim de semana.

Às vezes converso com as auxiliares que vão cuidando de nós, pergunto os nomes, se já foram vacinadas, há quanto tempo trabalham ali. A uma que pede licença para movimentar um biombo, respondo – está em sua casa. Ela ri e confirma, é mesmo verdade, nasceu neste hospital e trabalha aqui há 10 anos.

Devido à agitação com a doente da cama em frente da minha que exigiu intensa atividade dos diferentes cuidadores (médicos e outros), o sossego dura apenas três horas antes do retomar das primeiras rotinas matinais. Não me faz diferença, tenho descansado bem, aproveitado cada momento mais propício e tenho sido muito mimada com as refeições a virem ter comigo a horas certas.

Dia 2 de fevereiro – Aparece um médico que me observa e faz algumas perguntas sobre a minha autonomia em casa e capacidade de voltar ao

hospital se for necessário, fala vagamente na minha TAC. Daí a pouco sou informada pelo pessoal de enfermagem que vou ter alta à tarde. Depois será o médico a confirmar isso pelo telefone, os cuidados a ter constarão da nota de alta.

Preparada para atrasos na disponibilização do transporte, recebo a informação de que vou sair afinal mais cedo e mal tenho tempo de engolir o último almoço a bordo.

Alguém troca impressões comigo sobre a lista de haveres com que entrei, recorda-me que não me esqueça do guarda chuva, esse inseparável e inútil amigo que se manteve disciplinadamente ao canto da parede, quando afinal tão facilmente se deixa perder em qualquer passeata mais descuidada.

Volto a espantar-me como é que é possível acomodar no colo, numa pequena cadeira de rodas dois grandes sacos com a roupa que trazia vestida mais tudo o que fui recebendo durante a estadia e, claro, o tal do guarda chuva.

É-me entregue a nota de alta e fico à espera do segurança que me há de conduzir por elevadores e corredores

até à porta de saída para me entregar ao pessoal da ambulância, desta vez já não me acompanha a garrafa de oxigénio. O percurso volta a ser pautado por alguns balanços quando há desníveis e por um descuido com o guarda chuva que podia ter sido mais complicado quando deixei que deslizesse e entrasse na ranhura que antecede a entrada no elevador.

Na ambulância vou conversando com o acompanhante que me conta que são de Leiria e andam a fazer este serviço já há uns tempos. Pergunto como correm as coisas por lá, confessa que há algumas dificuldades com a adesão das populações, há dias transportaram uma doente que se sentiu mal no supermercado e estava obrigada a confinamento em casa com teste positivo.

À chegada a casa, recolho os haveres sem me esquecer do guarda chuva.

Acabarei por ser seguida por médica amiga e serviço de pneumologia do Hospital de Santa Marta até ao completo desaparecimento das sequelas.

FC - setenta e dois anos e muita gratidão por tanta gente boa a quem devo tanto

III – COMO A VIDA DE UMA PESSOA SE MODIFICA COM O VÍRUS

Dia 4 de Janeiro de 2021 – pelas 11.00 horas, fiquei a saber que o novo vírus, tinha entrado na minha família. A partir daqui, não imaginava o que me esperava. Fui contactado pelo SNS, para ficar de imediato em isolamento profilático e com prescrição para fazer o teste. Consegui marcar para o dia 5 e obtive o resultado no dia 7 (positivo). Nestes 3 dias não apresentava sintomas estando em isolamento e fechado no quarto.

Era contactado pelo SNS dia sim dia não, até que no **dia 9** comecei a ter febre (baixa) e alguma tosse. Fazia, de 8 em 8 horas, paracetamol. No **dia 11** tive que ir ao (ADR-LRS-Odiv)-(PSADRIÃO) onde fui observado por uma médica, que prescreveu antibióti-

co para combater uma ligeira infecção que se manifestava num pulmão.

Do dia 11 até ao dia 15 o antibiótico não fazia qualquer efeito. Fui piorando e dando conhecimento ao médico do SNS do que se estava a passar. A resposta era para ter paciência pois o antibiótico demorava uns dias a fazer efeito. A febre e tosse eram uma constante e tornaram-se a minha companhia.

Até que **no dia 16** pelas 04.00 horas, comecei a ter uma tosse constante e febre que atingiu os 40°. Contactou-se o médico do SNS a dar conta da situação e este aconselhou ir de imediato para (ADR-LRS-Odiv) - (PSADRIÃO). Sem forças, ainda fiquei em casa, mas pelas 08.00 horas lá fui eu para

ser observado novamente. À chegada tirei a senha e aguardei a minha vez. Quando fui chamado, ao levantar-me, fui contra uma parede. Uma enfermeira, apercebeu-se, e chamou por ajuda. Assim que colocaram as suas mãos nas minhas, geladas e com um tom esverdeado, viram que não estava nada bem. Colocaram, o oxímetro no meu dedo e os níveis de oxigénio estavam muito baixos. Não me lembro de terem perguntado alguma coisa. Soube mais tarde que a enfermeira veio chamar pelo acompanhante, para lhe entregar os meus pertences pessoais.

Chamaram uma ambulância e fui transferido para o Hospital Beatriz Ângelo pelas 09.30 horas, onde passei por um cenário de guerra. A afluência

era grande e os profissionais de saúde muito poucos. Faziam o que podiam, mas não chegavam para tanta gente. Fiquei numa pequena sala com mais de 15 pessoas, todas elas a receber oxigénio, sentado numa cadeira. Passadas 9 horas e por já não conseguir estar sentado, deitei-me no chão. Uma auxiliar perguntou-me o que estava ali a fazer, ao que respondi, nem sei como, se ela também conseguiria estar sentada numa cadeira, todo aquele tempo, e no mesmo estado de saúde em que me encontrava. De imediato apareceu uma maca onde finalmente consegui descansar um pouco. No total passaram 11 horas, sem ter sido observado por nenhum médico. Apenas uma enfermeira, que de vez em quando, passava por mim para saber como estava. Durante todas aquelas horas comi 8 bolachas Maria e bebi 2 chávenas de leite com café. Por volta das 22.00 horas chegou uma médica, que me informou que iria ser transferido, por não haver vagas, para o Hospital CUF Tejo, onde tinham disponibilizado 50 camas para doentes Covid-19. O diagnóstico que levava para a CUF Tejo foi: pneumonia SARS-COV2, insuficiência respiratória tipo 1, diabetes tipo 2 descompensada em contexto de corticoterapia sistemática e infecção.

Dia 16 de Janeiro - dei entrada na CUF Tejo por volta das 23,30 horas. Fui levado por uma equipa de auxiliares para um quarto privado, com casa de banho e televisão, que já me estava destinado. Não tenho memória de ter sido despido. Toda a minha roupa ficou dentro de um saco selado, e após quarentena, foi entregue a familiares (roupa essa que foi queimada).

Dia 17 de Janeiro - No dia seguinte ao acordar, por volta das 06.00 horas por uma enfermeira, para me dar antibióticos e outra medicação, dei conta que estava ligado com oxigénio no nível máximo. Estive 3 dias assim para ver como o meu organismo reagia ao tratamento. Se não reagisse, teria que ser ligado a um ventilador (segundo a médica, quando se vai para um ventilador, não se sabe em que condições

se sai dele). Durante esses dias tive de fazer um batalhão de exames e medicação (diariamente tinha de fazer 3 seringas das grandes com líquidos) que na altura nem percebia bem o que eram. Fiz um raio X ao Tórax. Fazia ainda análises ao sangue de manhã e à tarde, assim como o controle da diabetes antes do pequeno almoço e antes do jantar.

Ao 4º dia, de manhã, repeti o Raio X e fiz análises mais específicas para se verificar se o tratamento estava a ser eficaz. Felizmente estava em recuperação, embora lenta, mas com bons resultados. E assim fiquei até ao dia 19 de Janeiro com oxigénio no máximo e sempre com a mesma medicação.

Dias 20 a 23 de Janeiro - comecei a fazer a redução gradual do oxigénio e do tratamento.

Dias 24 e 25 de Janeiro - já sem oxigénio e medicação (menos medicação, alguns comprimidos e análises ao sangue 2 vezes ao dia). Era necessário confirmar como estava a reagir.

Dia 26 de Janeiro - Finalmente a notícia mais esperada, de manhã tive alta. Nesse dia é que tive plena consciência da minha situação.

A médica pôs-me ao corrente do meu estado crítico aquando a minha entrada na CUF Tejo, nomeadamente da forma como os meus pulmões estavam infectados, e conseqüente falta de oxigénio. Saí do hospital com menos 10 kgs. e oficialmente diabético.

A partir desse dia comecei a ser contactado, dia sim dia não, por um médico do Centro de Saúde da Ramada

(Odivelas) para se inteirar do meu estado de saúde, não podendo sair de casa.

Dia 8 de Fevereiro - Tive alta, pelo médico do SNS. Durante este tempo perdi mais 4 kgs. Tem sido uma luta contra o tempo. Nunca mais fiquei como era. Para conhecimento, após a alta médica não conseguia andar 300 metros sem ter que parar, não conseguia pegar ao colo os meus netos, não conseguia andar 100 metros com um simples saco de plástico com compras. Fiquei rouco. Faço uma vez por semana uma medicação, que me leva ao desespero. Tem efeitos muito agressivos e durante uns dias fico com muita má disposição, sem vontade de e para nada, só me apetece ficar deitado. Ainda tenho um longo caminho a percorrer. Tenho esperança de recuperar totalmente mas há sequelas que ficam para a vida.

Só quem teve o azar de se cruzar com este vírus, é que sabe o que realmente ele provoca. Muda a vida de uma pessoa saudável, para uma pessoa doente durante muito tempo, podendo mesmo dizer até quando?

Dou graças a DEUS pela hora em que fui transferido, para um hospital privado onde tive o melhor tratamento, acolhimento e disponibilidade total, quer de médicos, enfermeiros e auxiliares a quem agradeço todo o apoio e cuidados prestados. Caso contrário, penso que não estaria hoje aqui a contar esta minha história.

*Por Augusto Trindade
(Assistente Administrativo da AAECL)*

Sabor de Viver

Essa maldita lei do "Fique em Casa"
É cruz que me traz atormentado,
É como ave, que, partida a asa,
Fica presa a seu ninho no telhado.

Nervosismo emergindo à flor da pele
Dando, à vida, amargo sabor a fel,
É receita que esmaga o Bem-Estar.

A lágrima que, de meus olhos, vaza
Da pandemia, é triste resultado;
Maltratando a saúde, o peito arrasa
E deixa o coração manietado.

Há que gritar e soltar as amarras,
Afogar medos e quebrar tais garras
P'ró Sabor de Viver, reconquistar.

Por João Afonso Bento Soares



NOTÍCIAS BREVES

01.

DIA DO ANTIGO ESTUDANTE DE COIMBRA

A [Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Coimbra](#) comemorou, virtualmente, o Dia do Antigo Estudante em 4 de Abril, homenageando os ilustres veteranos Napoleão Amorim e Polybio Serra e Silva. Para ambos o nosso preito solidário!.

02.

COVID-19: QUEIMA DAS FITAS DE COIMBRA ADIADA PARA OUTUBRO

A [Queima das Fitas de Coimbra](#), que estava marcada para Maio, foi adiada para data a definir no mês de Outubro, substituindo a Festa das Latas. O adiamento acontece depois de uma reunião do Conselho Directivo da Queima das Fitas, na qual a Associa-

ção Académica de Coimbra (AAC) e o Conselho de Veteranos "tomaram esta decisão com sentido de responsabilidade e zelo pelo bem-estar e segurança de todos", afirmou a organização da Queima das Fitas, em nota de imprensa enviada à agência Lusa.

03.

NOTÍCIA DA ATRIBUIÇÃO DE MEDALHA DE OURO DA CIDADE DE CASTELO BRANCO

Maria de Lourdes Pombo, sócia da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, foi distinguida com a Medalha de Ouro da Cidade de Castelo Branco. A cerimónia decorreu no passado dia 20 de março, dia em que Castelo Branco celebrou os 250 anos de elevação a cidade. Esta decisão foi tomada, por unanimidade, por todo o executivo da Câmara Municipal de Castelo Branco, já que Maria de Lourdes Pombo desde muito cedo teve um papel relevante na defesa de causas sociais e públicas dos albacastrenses. Ao longo dos seus 48 anos de residência em Castelo Branco para além da parte profissional contribuiu em muito para o desenvolvimento social e política da região. Hoje



Saúdamos-te, Milu, tudo mereces!

a sua dedicação é a Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Castelo Branco (APPACDM) que fundou em 1973 sendo sempre sua dirigente voluntária.

04.

94º ANIVERSÁRIO DA CASA DOS AÇORES



A Casa dos Açores em Lisboa assinalou no dia 27 de Março o seu 94º Aniversário com uma edição especial do seu... Este mar que nos une..., que conta com a colaboração de associados e amigos.

NOTAS: Ainda temos Sócios com quotas em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (alguns...) Quando estarão todas em dia? Não podemos "viver" sem elas!



Em cada Natal que passa
a gente sente na Alma
como que um estado de graça
de Felicidade e... Calma...

Tudo só porque um Menino
em cada Natal que passa
surge sempre pequenino
e, sorrindo, nos abraça...

An elo Vieira Ara io

Aproxima-se o Natal. Não será aquele que, ao longo de 28 anos, preparámos com entusiasmo redobrado, convocando os Associados, Amigos e diversos Convidados que acorriam em número entre 110 e 120, nuns anos com a "prendinha", noutros com rifas a favor da Comunidade Vida e Paz, mas sempre proporcionando um programa natalício com a contribui o também de grupos ligados a Institui es homólogas.

Não poderá s -lo e todos oferecemos a nossa conforma o, projectando para 2021 o acumular da ansiedade de pessoalmente sa dar, felicitar, partilhar convívios, retomar passeios e viagens, celebrar o Natal que desejamos.

Entretanto, continuamos a comunicar da forma possível (3 Mensagens enviadas), dando notícias que nos unem (  distância...) pela ilustra o dos protagonistas, nossos Associados, e, através deles, por contrib rem para o prestígio da nossa Associa o.

Ei-las:

CONDECORADA A PRIMEIRA MULHER MILITAR

Maria Alice dos Santos Dias Pereira, Tenente-Coronel da Força Aérea Portuguesa, sócia n . 1070 da A.A.E.C.L, foi condecorada com a medalha da Defesa Nacional, pela "importante missão de representar Portugal pela primeira vez, no "Committee of Women in NATO Forces", em 1992". A condecora o aconteceu no dia 27 de Outubro do ano de 2020, no âmbito da cerim nia do 20.  aniversário da Resolu o do Conselho de Segurança das Na es

Unidas pelo Ministro da Defesa Nacional, João Gomes Cravinho. Ficou muito orgulhosa pela sua representa o em nome de Portugal nas reuniões das mulheres militares da NATO, uma vez em Londres e outra em Bruxelas. Ao longo da carreira militar recebeu louvores e uma medalha de Mérito Militar e aquando da representa o de Portugal na NATO foi elogiada pela competência e pontualidade nas reuniões.



LANÇAMENTO VIRTUAL DE “OS LYSÍADAS”

O lançamento de *OS LYSÍADAS. A Epopeia dos LyS.O.S., uma República de Coimbra no Porto* da autoria do nosso associado Zé Veloso (José Pinheiro Veloso) – que deveria ter acontecido na nossa sede em 17 de Março e, posteriormente, nas nossas congéneres de Coimbra e do Porto –, foi sendo sucessivamente adiado e acabou por não se realizar, devido ao Covid 19. Recentemente, o autor optou por fazer o seu lançamento virtual, através da divulgação de um vídeo de apresentação – <https://youtu.be/NWY8CY08Vjo> – e de vários depoimentos sobre a obra – <https://heyzine.com/flip-book/fb29de7bff.html>, a qual pode ser encomendada no site da editora www.minervacoimbra.pt

Depois, informar e comunicar ganha agora uma importância acrescida, divulgando o balanço da actividade da Associação a propósito das comemorações do **1º Centenário da Tomada da Bastilha**, cujo ponto mais relevante foi a edição especial da **CAPA E BATINA** Nº 55.

As respectivas iniciativas e participações estão, em geral, divulgadas no Facebook da nossa Associação em <https://www.facebook.com/aaec-lisboa>, dando uma dimensão e projecção nacionais (para além dos habituais 500 envios, seguiram já mais 200, a pedido).

É de relevar também a comemoração levada a efeito pela Associação Académica de Coimbra e pela Universidade de Coimbra no próprio dia 25 de Novembro.

Relembremos este heróico feito académico nas palavras de Zé Veloso:

“Grito de revolta contra o reiterado incumprimento das promessas das autoridades governamentais e académicas, o assalto ao “Clube dos Lentos” na madrugada do dia 25 de Novembro de 1920 – a Tomada da Bastilha – saldou-se por muito mais do que o alargamento da sede da Associação Académica de então à totalidade do Colégio de São Paulo Eremita. Ele foi um exemplo de inconformismo, ousadia e generosidade de um grupo de estudantes que haveria de perdurar por todo um século e que, por isso mesmo, merece continuar a ser celebrado, seja com um cortejo de archotes em Coimbra, seja com uma Gala em Lisboa.”

1º CENTENÁRIO DA TOMADA DA BASTILHA CAPA E BATINA ESPECIAL (Nº 55)

Da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa



As iniciativas e participações que aconteceram no âmbito destas comemorações estão divulgadas no Facebook da AAACL em <https://www.facebook.com/aaec.lisboa> aqui deixando as ligações:

TV:

- SIC – A pedido desta Associação, o Dr. Luís Marques Mendes apresentou e comentou a Capa e Batina nº 55 no dia 22 de novembro na OPINIÃO. Facebook da AAACL em <https://fb.watch/2jalZGDd4k/>

- RTP2 – Ricardo Roque apresentou a Capa e Batina no Jornal 2 de 30 de novembro. Facebook da AAACL <https://fb.watch/2jaWsshbsG/> ou RTP Play <https://www.rtp.pt/play/p6577/e509564/jornal-2> (aos 28'38'')

- TVI24 – 25 de novembro no Diário da Manhã (às 9:50 horas), – entrevista a Daniel Azenha, Presidente da Associação Académica de Coimbra, pedida pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa para divulgação da Capa e Batina Especial nº 55 – divulgação que não foi feita.

RÁDIO:

- Antena 1 - 24 de novembro <https://www.rtp.pt/play/p2803/e508344/pecas-culturais-ou-RUC>
- Rádio Universidade de Coimbra <https://www.ruc.pt/2020/11/25/edicao-especial-da-revista-capa-e-batina-assinala-centenario-da-tomada-da-bastilha/> e versão completa em: <https://www.mixcloud.com/inforuc/capa-e-batina-especial-sobre-primeiro-centen%C3%A1rio-da-tomada-da-bastilha-ricardo-roque/>

JORNAIS OU SITES:

- Diário As Beiras (9 de dezembro de 2020), revista Capa e Batina e o Centenário da Tomada da Bastilha, pela Presidente da AAECCL, Fátima Lencastre <https://www.facebook.com/1656545847932423/posts/269143644443353/>
- Revista Sábado- https://www.sabado.pt/portugal/detalhe/centenario-da-coimbra-tomada-da-bastilha?ref=SEC_Grupo2_portugal
- Jornal Público- <https://www.publico.pt/2020/11/25/sociedade/noticia/coimbra-1920-estudantes-assaltaram-universidade-194055>

- Jornal A Cabra- <https://www.acabra.pt/2020/11/aac-celebra-centenario-da-tomada-da-bastilha/>
- Campeão das Províncias (com base em notícia da Lusa) Revista "Capa e Batina" assinala centenário da "Tomada da Bastilha" em Coimbra - Campeão das Províncias (campeaoprovincias.pt)
- Diário As Beiras- (artigo/notícia sem responsabilidade da AAECCL) Diário As Beiras - Estudantes de Coimbra assinalam centenário da "Tomada da Bastilha" com mural
- Notícias de Coimbra (artigo/notícia sem responsabilidade da AAECCL) Estudantes de Coimbra assinalam centenário da "Tomada da Bastilha" com mural, carimbo e selo | Notícias de Coimbra (noticiasdecoimbra.pt)
- Porto Canal- (com base em notícia da Lusa) Antigos governantes PS e PSD assinalam centenário da "escola da liberdade" de Coimbra (sapo.pt)
- RTP (com base em notícia da Lusa) - Antigos governantes PS e PSD assinalam centenário da "escola da liberdade" de Coimbra (rtp.pt)

COMEMORAÇÃO PELA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA



PARABÉNS (ENTRE OUTROS, COM TÓNICA COMUM: REVISTA HISTÓRICA)

Venho, em nome da Casa dos Açores, felicitar a Direcção da AAECCL pelo empenho, determinação e dinamismo colocados na organização do 1º Centenário da Tomada da Bastilha que se celebra nesta noite e madrugada de 25 de Novembro, uma noite marcante e cheia de significado para a vida académica coimbrã!. Parabéns pelo excelente "Capa e Batina" que

nos ofereceram. Um verdadeiro álbum de memórias bonitas, saudosas e cheias de sentido e significado! Tal como em 1920, nesta noite apetece gritar... "Viva a Academia!"

*Delfina Porto
Presidente da Direcção da Casa dos Açores*

Em vésperas de Tomada, quero felicitar a AAEC pela excelente qualidade do número comemorativo Capa e Batina. Deliciei-me a ler os escritos dos Presidentes das várias gerações, o que para um velho presidente de 83 anos, não é de somenos importância!

Grande abraço e Viva Coimbra.
Francisco Leal Paiva

Tomei nota dos oportunos aspetos publicitários do centenário da famosa Tomada da Bastilha.

O Boletim comemorativo prova, o que eu já sabia, que esta Associação cumpre o objetivo estatutário dominante de "honrar e enaltecer a memória dos Antigos Estudantes de Coimbra".

AGRADECIMENTOS

A gratidão é o sentimento mais sublime quando genuína. Assim o manifesta a Direcção a quantos contribuíram para este documento tão importante para memória futura, salientando:

- Ao Vice-Reitor Calvão da Silva pelo depoimento prestado e divulgação na UC e arquivos.
- Ao Presidente da AAC, Daniel Azenha, pelo depoimento prestado e divulgação interna.
- Ao Zé Veloso pela excelente explanação sobre as origens e

E DEPOIS DO COVID ?

Em bom rigor pouco sabemos .

Agora que estamos á espera da vacina, será útil colocar no terreno uma equipa de estudo de percepções e Ciências Comportamentais para a saúde, como recomenda a OMS.

Isto antes que se agravem os receios naturais e outros inaceitáveis ; estes receios não contribuem para o êxito que aguardamos; não vale a pena correr ansiosamente atrás da vacina nem estar indeciso quanto à sua aceitação.

A evolução favorável decorre de medidas assertivas tomadas, balanceando a segurança e a liberdade, e a atitude individual que implica o cumprimento das regras consideradas apropriadas ao momento e ao objetivo.

As vacinas significam uma esperança e em simultâneo uma desconfiança.

Os anúncios de várias vacinas, que começam por ser notas à imprensa, o excesso de opiniões (eu acho que "achismos") , as dificuldades técnicas, a nova estratégia com alguma inovação, os grandes investimentos, confundem o cidadão em geral. Mas, não podemos deixar de considerar que à intensa actividade dos cientistas do último ano, se juntam décadas de trabalho e muito investimento para outros vírus e outras patologias, dando-nos a ilusão de que a vacina aparece rapidamente como se de um milagre se tratasse.

Pensemos, agora, quanto se tem comentado a dificuldade de comunicação.

Isto melhor do que nenhuma outra. Tenho-me interrogado acerca da razão. Será porque em Lisboa reside a maior parte dos antigos estudantes de Coimbra. Por outro lado, as associações refletem sempre a qualidade das pessoas que as constituem.

J. Pereira da Graça

Gostei muito deste número da "CAPA E BATINA". Fantástico. Um beijo de parabéns à querida presidente, Fátima Lencastre, e parabéns a todos os que colaboraram nesta edição comemorativa do 1º Centenário da Tomada da Bastilha. Parabéns, parabéns.

António Moniz Palme (AAEC no Porto)

tradição da Tomada da Bastilha com honestidade intelectual e profundidade na investigação dos factos.

- Ao Ricardo Roque, incansável e bem sucedido no Apelo a 50 ex-Presidentes da Direcção-Geral da AAC, na coordenação dos testemunhos, polivalente e eficaz sem igual na divulgação e chamativo na apresentação ao vivo.
- Aos 33 ex-Presidentes (27 nossos Sócios Honorários) pela seriedade dos seus testemunhos e pelo entusiasmo pela sua – de todos eles – **Tomada da Bastilha !**

Sabemos que as crianças, os idosos e alguns grupos de pacientes podem reagir de modo imprevisível a uma vacina; isso deve fazer parte do nosso conhecimento para melhor gestão, mas nunca para servir de arma de arremesso em situações despropositadas, lançando mais areia numa engrenagem que já é complexa.

Não é novidade. Há muito tempo sabemos que, em geral, somos fracos nas disciplinas de Matemática e Português.

Lidamos mal com os números e usamos deficientemente uma ferramenta extraordinária que é a nossa língua. Pior ainda é quando esse mau uso é intencional.

Independentemente de tudo, as vacinas significam uma esperança.

Temos que aderir como pessoas que somos, adeptos da segurança e da liberdade, deixando de lado a desconfiança.

Admitimos que as autoridades do medicamento só aprovam um fármaco ou uma vacina depois de testada a eficácia e a segurança. Mesmo assim, haverá sempre uma percentagem mínima de complicações ou insucessos que é monitorizada; mas, só por si, não anula a estratégia , se esta foi bem traçada.

A verdade e a mentira são sempre relativas.

Nós queremos sempre o que é verdadeiro, belo e bom, mas temos poucos instrumentos que nos permitam medir essas qualidades.

O VÍRUS, O BEM E O MAL

Confinado em minha casa
Sinto, como ave sem asa,
A falta de liberdade.
Foi a "aldeia global"
Corroída por um Mal
Que nos fez ver a Verdade.

Belos planos de grandeza
Viraram em incerteza
Da vida, sempre fugaz.
Conforto material
Foi o sonho, o ideal
Que o Vírus deixou p'ra trás.

O pecado, ao vir ao mundo,
Nasce dum erro profundo:
O mau uso da Razão
Todavia, o sofrimento,
Sendo, da alma, um lamento,
Traz consigo a Redenção.

Agora a realidade
É medo e ansiedade
Duma dimensão brutal.
Há que erguer as mãos aos Céus
Fazendo uma prece a Deus
Que nos livre deste MAL.

João Afonso - 2020

FORA O VÍRUS

Que saudades eu tenho de um abraço
Que renove a alegria de viver;
Que me leve do corpo este cansaço
Que impede c'os amigos conviver.

Ao buscar em teu colo e teu regaço,
O sustento indelével do meu Ser
Quero fruir o Tempo, sempre escasso
Sentir, de novo, o coração bater.

Sendo o Homem, o rei da Criação
Ele se mostra falho de Razão
Por faltar ao respeito à Natureza;

Mas já farto do erro carregar,
Só lhe resta o caminho arrear
E acolher, do Alto, uma Certeza.

João Afonso - 2020

POEMA PARA A PANDEMIA EM P

Permitam-me pedir-vos perdão
Pela presente prenda para pandemia.
Privilegiada pintura, porventura paixão
Pelo papel pardo... Pela paciência.

Para pandemia parcas palavras profiláticas
Predominando plantas pré purificadoras.
Padre, perspicaz, pregou preces patológicas,
Politólogo palrou pomadas protetoras.

Pouco paisagista, pratiquei pintura
Para painel parede, plástico, papelão,
Película, pedras preciosas, pirogravura.
Preferi partir para Penina perto Portimão.

Prestei provas previstas para patologista,
Poeta, pensionista, professor, presidente,
Psicólogo, padre, padeiro, playboy, pianista
Porque pagavam prestação permanente.

Para pagar pequenas petisqueiras
Prossegui percurso pouco preocupante.
Promovi pisciculturas para peixeiras,
Pesquei polvos perto praia prestigiante.

Porque pretendia praticar produção passarada,
Para pombas, planeei perfeito pavilhão.
Parque proeminente para propriedade privada,
Pátio para patos, perus, pavões... por paixão.

Palmas para padre por pregar postas pescada.
Porém, politólogo partilhou plantação pomar.
Protelei perigo, pois, pandemia pula parada.
Pensamento positivo para painel popular.

António Capela Gordo 2020

NOTAS:

1 - Lamentamos a perda (não por Covid-19) do amigo e médico solidário Eduardo Lucas dos Santos, em Agosto.

2 - Verifica-se ausência de receitas provenientes dos frees dos passeios e viagens; mais uma razão para o cumprimento do dever estatutário do pagamento das QUOTAS: por transferência bancária para o NIB da Associação (ver logotipo) ou débito directo.

3 - Resulta óbvio das circunstâncias que o meio de comunicação mais económico e rápido é o endereço electrónico: se tens email, envia-o para aaekl@sapo.pt; se não, tenta apetrechar-te via familiar e informa.

A Direcção



COMEMORAÇÃO DOS 28º E 29º ANIVERSÁRIOS DA ASSOCIAÇÃO

Diz quem mais sabe - e assim pratica - que a comemoração de um grande evento ou efeméride pode estender o seu âmbito temporal até... 1 ano!

Nada mais conveniente que aproveitarmos este "chapéu" para, atenuando o clima denso que nos cobre, abrigar nesse chapéu (de sol...) o chamamento dos propósitos que ditaram a programação do 28º Aniversário em 15 de Março de 2020, suspensa por força de uma pandemia que continua impedindo o próprio assinalar do 29º Aniversário:

I - A formalização da colaboração cultural com a Casa dos

Açores em Lisboa que Eduíno de Jesus (nosso assessor cultural desde 2001) iniciou, clamando pela sua "oficialização".

II - A presença do Vice-Reitor Prof. Doutor João Nuno Calvão da Silva com colaboradoras suas visando a produção de um vídeo sobre as nossas Sede e vivência associativa.

Convoquemos, pois, reforçando-os neste ano e pela via possível, os mais marcantes desideratos e seus elos de ligação deixados em suspenso; quais foram:

1 - EDUÍNO MONIZ DE JESUS

É - e continuará a ser - o "Padrinho" da união Casa dos Açores/Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa; nele se louvam ambos os "afilhados", que aqui registam um LOUVOR bem alto e bem longe.

1 - A Casa dos Açores em Lisboa

O 93º aniversário de Eduíno, ocorrido em 18 de Janeiro de 2021, deu o mote à sua Presidente Delfina Porto para compilar um pre-

cioso folheto "... este Mar que nos une..." com inúmeras manifestações de Amigos (açorianos e não só).



Eduíno Moniz de Jesus nasceu a 18 Janeiro 1928 nos Arrifes, concelho de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Iniciou estudos no Liceu Antero de Quental, tendo prosseguido nas Faculdades de Letras das Universidades de Coimbra e de Lisboa. Foi professor de todos os níveis de ensino, poeta, ensaísta e crítico literário com obras publicadas em poesia, teatro e muitos trabalhos em jornais e revistas culturais em todo o país. Sócio da Casa dos Açores desde 1976, presidiu quer à Direcção quer à Assembleia Geral, sendo agora sócio honorário.

2 - A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa

PARABÉNS A EDUÍNO DE JESUS

Partilhar com a Casa dos Açores em Lisboa este momento de felicitações ao aniversariante Eduíno de Jesus permite à Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, em primeiro lugar, trazer à tona de água aquela cooperação que o felicitado iniciou, há mais de 20 anos, entre as duas Instituições, na dupla qualidade de Presidente da Direcção da Casa dos Açores e de Assessor Cultural da Associação, a qual ficou "em suspensão" por força da crise pandémica. Depois, testemunhar as benesses que o Eduíno nos foi ofertando com a abrangência e o mérito de um consagrado pedagogo, poeta, cultor da História e da Literatura e crítico

literário, em palestras e conferências, enriquecendo-as com a contribuição de outras figuras ilustres em variados temas. A sua postura discreta, a agudeza na atenção a tudo o que o rodeia, com a devida reserva, a finura no trato - tudo perpassado por uma invejável juventude de espírito que permanece incólume nas suas vivências pessoal e associativa - levaram a um arroubo de irreverência académica que aqui desvendamos: numa viagem à Áustria (ambiente a tal propício) surgiu espontânea a entronização do Eduíno com o cognome de Dom Eduíno ! Atestando esta entronização, enviamos PARABÉNS ao DOM EDUÍNO!

Fátima Lencastre

HOMENAGEM A EDUÍNO DE JESUS

No Penedo da Saudade, em 18 de Setembro de 2010, promovida pelas Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, Casa dos Açores em Lisboa e Casa da Académica em Lisboa, cujos Presidentes (Fátima Lencastre, Miguel Loureiro e Joaquim Couto) de- puseram no Presidente da Associação Académica de Coimbra (Miguel Portugal) e no Vice-Reitor da Universidade de Coimbra (Henrique Madeira) a "honra" do descerramento da placa.

(vide Capa e Batina nº 36)



A CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA DELGADA HOMENAGEIA EDUÍNO DE JESUS

A Câmara Municipal de Ponta Delgada atribuiu, no dia 10 de junho de 2009, a Medalha de Ouro do Município ao Poeta, Professor e Escritor Eduíno de Jesus e descerrou a placa da rua com o nome do Poeta. A Presidente da Câmara, Berta Cabral, entregou a Medalha de Ouro do Município de Ponta Delgada a Eduíno de Jesus, dizendo:

"É para mim uma honra presidir a esta sessão solene. Desde logo, porque hoje, em Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, celebramos a nossa identidade colectiva, a identidade de um povo que se revê na poesia e que sente orgulho dos seus poetas. Mas também porque estamos a comemorar o dia da freguesia de Arrifes, atribuindo a um dos seus filhos mais ilustres, Eduíno de Jesus, uma das mais altas distinções honoríficas do nosso concelho: a medalha de ouro do município, distinção mais do que merecida pelo nosso homenageado pelo seu percurso literário notável que em muito honra os Açores e Ponta Delgada, em particu-



lar. Quando a Comissão Municipal de Toponímia sugeriu, com base numa proposta de Onésimo Teotónio de Almeida, homenagear Eduíno de Jesus, no âmbito das comemorações do seu 80º aniversário natalício e por ocasião do dia da freguesia que o viu nascer, associei-me de imediato à iniciativa. A vida e a obra de Eduíno de Jesus estão inevitavelmente ligadas ao nosso concelho."



A ESCOLA SECUNDÁRIA ANTERO DE QUENTAL HOMENAGEIA EDUÍNO DE JESUS

No dia 2 de novembro de 2017, teve lugar na Biblioteca da Escola Secundária Antero de Quental uma sessão pública de homenagem ao Dr. Eduíno de Jesus – Poeta, Ensaísta, Professor e Crítico Literário micaelense. Das palavras de Maria João Ruivo sobressaem:

"O Eduíno de Jesus representa, para mim, e para muitos, o que se entende por um Mestre. O seu trabalho de pensamento e de escrita é de um enorme rigor e exigência e está longe de ser pacífico; é um processo que se adivinha quase doloroso, pela

busca da forma perfeita para os significados que quer transmitir. O Eduíno faz em cada frase que escreve – uma peça de filigrana linguística. A par do intelectual, há um homem igualmente singular e fascinante, de um finíssimo trato, já tão raro. Um verdadeiro gentleman. Ele representa uma geração para a qual as letras, a arte e o saber faziam parte da essência humana e estavam no seu devido lugar. O Eduíno é daqueles homens que não tem idade.

Bem hajas, meu querido Mestre !"

A ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA HOMENAGEIA EDUÍNO DE JESUS

Eduíno de Jesus foi o autor homenageado em 2019: no 31º Colóquio em Belmonte, em abril (Homenagem de Urbano Bettencourt, José Andrade e Maria João Ruivo) e no 32º na Graciosa (Álamo de Oliveira, Eduardo Bettencourt Pinto, Maria João Ruivo). Aqui fica um excerto da intervenção que foi divulgada por altura do Colóquio da ilha Graciosa. Eduíno de Jesus, decano dos escritores açorianos, cuja poesia ímpar merecia maior relevo e reconhecimento por parte de Portugal, foi o autor homenageado na 32ª edição dos Colóquios da Lusofonia que regressaram a Santa Cruz da Graciosa (Açores) de 2 a 6 de outubro 2019. No colóquio da Graciosa, Eduardo Bettencourt Pinto disse: "Muito raramente se encontra um artista da palavra com tal empenho e critério no seu labor criativo, e com um domínio su-

perior dos meios em que se expressa. A sua poesia tem o rigor de um artesão, consciente dos seus poderes e do amplo alcance do seu talento. Poeta de uma grande tradição lírica, sustentada pelo fulgor de uma sensibilidade oceânica que flui como uma torrente, Eduíno de Jesus faz parte de um leque de elite, ao lado de nomes como Vitorino Nemésio e Natália Correia, nomeando apenas nomes de destaque das Letras Açorianas, já para não falar de outros ao nível nacional. Eduíno de Jesus é um príncipe de gestos suaves, um cavalheiro nobre que se apresenta com sereno fulgor e rara delicadeza. O fino trato e a genuína elegância para com os outros ainda mais o engrandecem, destacam-no e o tornam único, tão único como a poesia que escreve com a invejável irradiação de um Mestre".

II – A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Seguramente o dia 1 de março de 2021 fica na História e na memória de todos os que amam a Universidade de Coimbra. Ninguém esquecerá o dia em que assinalámos 731 anos: a cerimónia solene e bonita na Sala dos Capelos, mas sem o calor humano que marca o festejo dos nossos aniversários, sem a presença alegre das várias gerações de estudantes, dos professores e técnicos que diariamente trabalham na instituição, dos cidadãos (de Coimbra) em geral.

Numa nítida transmissão em direto na internet, no 1 de março deste ano todos pudemos ouvir os emocionados e ricos discursos da Presidente do Conselho Geral, Dra Gabriela Figueiredo Dias, do Magnífico Reitor, Prof. Doutor Amílcar Falcão, do representante do vencedor do Prémio UC, Prof. Doutor Nascimento Costa, e do **Cardeal D. José Tolentino de Mendonça, vencedor por unanimidade do Prémio UC de 2021.**

Exatamente um ano antes festejámos com a pompa devida os 730 anos: a Sala dos Capelos a "rebentar pelas costuras", o animado almoço no Palácio de São Marcos, repleto de Antigos Estudantes pertencentes às nossas diversas Redes espalhadas pelo país e pelo mundo, numa homenagem devida e merecida a todos os nossos *Alumni*...

Para sonhar com uma UC cada vez mais forte, os nossos Antigos Estudantes são determinantes. Na Reitoria, intensificaremos esforços para aglutinar a rede de afetos de toda a diáspora coimbrã no país e no mundo, incentivando a adesão à

nossa Rede *Alumni UC*, envolvendo Embaixadores *Alumni UC*, apoiando as atividades das Redes existentes e a criação de outras (v.g, nas várias Faculdades, na Benelux, em Moçambique e São Tomé e Príncipe).

Em 15 de março de 2020, também não pudemos comemorar o 28º aniversário da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa... festa de arromba preparada com tempo e a preceito pela incansável Dra Fátima Lencastre e pela sua excelente equipa; decorrido um ano e novamente em confinamento obrigatório, voltamos a não poder estar juntos como todos desejaríamos.

Mas a vida não pára e a força desta Associação de Antigos Estudantes lembra-nos disso exemplarmente: em março de 2021, assinala o 29º aniversário, com o justo reconhecimento público do seu assessor cultural de há mais de 20 anos, Eduíno de Jesus. Tenho, sinceramente, esperança de nos revermos em breve. Desejo muito esse reencontro presencial. Que o dinamismo da AAEL nos sirva de inspiração para resistirmos e acreditarmos no regresso rápido aos afetos e festejos da "velha normalidade"! Em nome da UC, e também em meu nome pessoal, parabéns à AAEL e muito obrigado a todos os seus membros. Uma vez UC, para sempre UC!

*João Nuno Calvão da Silva
(Vice-Reitor da UC para as Relações Externas e Alumni)*

NÃO PODEMOS VIVER SEM ESPERANÇA

"NÃO PODEMOS VIVER SEM ESPERANÇA, mas esta não é uma tarefa nem evidente, nem fácil. Precisamos de uma educação para a esperança. A esperança não é um lenitivo que adormece a dor até que ganhemos coragem para tratar a sério da vida, mas uma força que impregna já o presente e nos motiva para a transformação da história. A esperança

não é um adiamento sine die, mas um compromisso. Não é uma abstração idealizada, mas um dinamismo concreto, uma laboriosidade no aqui e no agora, um fazer aberto ao futuro."

*José Tolentino de Mendonça
IN "REZAR DE OLHOS ABERTOS"*



Janeiro a Junho de 2021

Nº 56 • 3ª SÉRIE

CAPA E BATINA

DIRECTOR: A Presidente da Direcção

EDIÇÃO: Associação dos Antigos
Estudantes de Coimbra em Lisboa
Instituição de Utilidade Pública
Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º
1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97

TELEM: 964 167 581

E-MAIL: geral@aaec-lisboa.com

E-MAIL: aaec@sapo.pt

INTERNET: www.aaec-lisboa.com

FACEBOOK: AAEC em Lisboa

PERIODICIDADE: Semestral

TIRAGEM: 600 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS
SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO

